

Histórias não contadas da Família Werneck
Século XIX

Copyright © Leila Vilela Alegrio, 2023

*Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610, de 19/02/1998.
Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida, sejam quais forem os meios
empregados, sem a autorização prévia e expressa do autor.*

EDITOR João Baptista Pinto

REVISÃO Ana Paula Silva Botelho de Macedo

ILUSTRAÇÕES Adriano Novaes

PROJETO GRÁFICO E CAPA Jenyfer Bonfim

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

A346h

Alegrio, Leila Vilela, 1952-
Histórias não contadas da família Werneck século XIX / Leila Vilela Alegrio. - 1. ed.
- Rio de Janeiro: Letra Capital, 2023.
458 p. ; 15,5x23 cm.

Inclui bibliografia
ISBN 978-85-7785-883-5

1. Werneck, Família. 2. Genealogia. I. Título.

23-86211

CDD: 929.2

CDU: 929.52

Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

LETRA CAPITAL EDITORA
Tels.: (21) 3553-2236 / 2215-3781
vendas@letracapital.com.br
www.letracapital.com.br

Leila Vilela Alegrio

Histórias não contadas da Família Werneck
Século XIX

LETRCAPITAL



Conteúdo

Agradecimentos	7
Prefácio	9
Apresentação	11
Capítulo I As origens e a criação dos municípios de Vassouras, Valença e Paraíba do Sul	13
Capítulo II A Família Souza Werneck	40
Capítulo III Os outros Souzas Werneck	72
Capítulo IV Os Pinheiro de Souza Werneck	106
Capítulo V Os Chagas Werneck	178
Capítulo VI Os Peixoto de Lacerda Werneck	193
Capítulo VII Os Santos Werneck	221
Capítulo VIII Os Quirino da Rocha Werneck	334
Capítulo IX As relações entre escravos e senhores	360

Capítulo X

Fazendeira, analfabeta, educada, administradora da casa
e da fazenda, submissa, rebelde 379

Capítulo XI

Da Escravidão ao Trabalho Livre e o fim das Grandes
Lavouras de Café..... 396

Capítulo XII

Que Deus nos acuda! 422

Capítulo XIII

A Escalada da Elite Cafeeira..... 428

Considerações finais..... 443

Fontes primárias..... 445

Referências bibliográficas 448

Glossário..... 454

Crédito das ilustrações..... 456

Agradecimentos

Aos funcionários de todas as instituições públicas que, generosamente, me atenderam e contribuíram para a realização do meu trabalho de pesquisa, em especial, os do Arquivo Nacional do Rio de Janeiro, do Museu da Justiça, do IPHAN de Vassouras e da Biblioteca Nacional.

Ao meu irmão de coração Adriano Novaes, que prontamente aceitou a árdua tarefa de ilustrar este livro e me atendeu sempre que precisei de algum documento ou de informações valiosas de Valença.

Aos fazendeiros que me permitiram fazer fotos, que serviram de base para o artista, historiador e professor Adriano Novaes, produzir seus maravilhosos bicos de pena.

Ao historiador e pesquisador Eduardo Cavalcanti, que me auxiliou, enviando arquivos digitalizados do Arquivo Nacional.

Ao Senhor Pedro Rocha, que fotografou documentos existentes no IPHAN-Vassouras e os cedeu a mim, tão gentilmente.

Aos amigos que me acompanharam em muitas lutas e que, sempre ao meu lado, me incentivaram nos melhores e piores momentos da minha vida.



Prefácio

Ao iniciar a pesquisa dos membros da família Werneck, que, no início do século XIX, vieram ocupar as terras do Vale do Paraíba do Rio de Janeiro, especificamente, Valença, Vassouras e Paraíba do Sul, deparei-me com a grande dificuldade que teria para escrever a trajetória dessa grande família, a qual se subdividia em: Santos Werneck, Souza Werneck, Lacerda Werneck, Rochas Werneck, Barbosas Werneck, Pinheiros Werneck, Avellar Werneck e outros, que se ramificaram em um grande emaranhado de famílias que foram, aos poucos, ocupando aqueles territórios.

Em função dessa complexidade e da impossibilidade de traçar um caminho único que me levasse a um desfecho final, acabei optando por aqueles que tiveram relevância na vida política e social, da grande região do Vale do Paraíba Fluminense, a qual, no período do Segundo Império do Brasil, se destacou como um dos maiores produtores de café; nas relações familiares, nas relações com o trabalho escravo, nas grandes fazendas de café.

Os primeiros Wernecks que chegaram àquela região, pacificaram os índios¹ coroados e tantos outros, e abriram fazendas, tiveram, inclusive, outras ocupações, como políticos, militares e comerciantes. Porém, alguns filhos dos pioneiros e, principalmente, netos, formaram-se como médicos, advogados e engenheiros. E muitos, entre eles, mesmo com a formação universitária, também ocupavam cargos públicos.

E as mulheres? Muito pouco se sabe sobre a educação que as Wernecks receberam. Algumas se declaravam “não saber ler, nem escrever”. Outras, como já relatei no livro “Donas do Café” que em suas viuvezes ou na ausência dos seus maridos, souberam administrar muito bem as suas fazendas.

¹ Na época os indígenas eram denominados como índios.

O trabalho de pesquisa baseou-se, principalmente, em fontes primárias e publicações encontradas nos periódicos da época.

Nesta viagem através do tempo, o lado mais romântico, se assim é possível dizer, foi o legado deixado por esses grandes latifundiários: as casas das fazendas, maravilhosos exemplos da arquitetura neoclássica, propriedades rurais que ainda hoje sobrevivem em nosso tempo.

E o lado trágico, sombrio e revoltante desta história, foi a duradoura escravidão. Homens e mulheres que, além de impedidos das suas liberdades, ainda sofriam torturas e maus tratos. Suas vidas ficaram muito longe do *glamour* das casas-grandes, reunidos em senzalas sujas e insalubres para um pequeno descanso do trabalho árduo que o dia seguinte logo, os despertaria.

Trazer à luz alguns desses fatos da nossa história é uma forma de não se deixar esquecer o que fomos e o que vivemos, para o bem das futuras gerações.

Nasci, cresci, eduquei, amei, plantei árvores, escrevi livros, cumpri minha missão.

Apresentação

Leila me honra com outro convite de apresentar ao público o resultado de suas pesquisas. Antes fora sobre as mulheres do Vale cafeeiro, agora sobre um dos mistérios que nos assombram: a família Werneck. Ou melhor dizendo, as incontáveis famílias em cujo sobrenome há Werneck.

O tema é muito instigante, pois quem já se interessou pela história do século XIX no Brasil cafeeiro e escravagista já tropeçou em um Werneck: de juiz a vereador, de agricultor a capitalista.

Muitos já se debateram em tentar entender que de Vernek (ou com o som de *b* tão típico da língua lusitana) à Werneck são todos os mesmos, grafado de diversas formas, bem a gosto do escrivão, até meados do s. XIX quando passam a anotar da forma que chegou a nossos dias.

O grande achado de Leila está em montar pequeninas árvores genealógicas que, a meu ver, vai funcionar como uma espécie de dicionário no socorro dos demais pesquisadores que precisam saber onde e quando se deu aquele João, Joaquim, Ignácio, ou a Maria, a Isabel, a Francisca, nessa profusão de nomes repetidos em núcleos familiares de vasta prole.

A riqueza das fontes primárias consultadas pela autora é fabulosa: inventários *post-mortem* e jornais em uma pesquisa minuciosa, rica de recortes e citações, embasada ainda em autores que, de alguma forma, contribuem para esclarecer algo acerca dos personagens pesquisados. A leitura permite intuir e localizar a figura em suas diversas atuações em palco público e/ou privado, na opção política, situação financeira, atuação em instituições, entre outros dados, retirados do material disponível.

Um capítulo a parte são as ilustrações de Adriano Novaes das fazendas que pertenceram aos diversos clãs na região estudada: Paraíba do Sul, Valença e Vassouras, hoje com seus territórios subdivididos em grande número de municípios na região.

Desejo a todos e todas uma boa leitura.

Rosa Machado, julho de 2023

Isabel Rocha



CAPÍTULO I

As origens e a criação dos municípios de Vassouras, Valença e Paraíba do Sul

No final do século XVII, foram descobertos, em Minas Gerais, ouro e pedras preciosas. Uma grande corrida de aventureiros, para aquela região, partindo tanto de São Paulo, como do Rio de Janeiro. Tais homens, em busca de riqueza, se embrenhavam pelas matas por trilhas indígenas para atingir as Minas Gerais (Ouro Preto, Mariana, Sabará, Diamantina, etc.).

Trilhas e caminhos, pequenas roças, estalagens e ranchos, foram sendo estabelecidos para o atendimento das necessidades mais prementes daqueles que, a partir de então, subiam e desciam as serras do Mar e da Mantiqueira. Comida também para os animais, água e lugares para descanso. Assim, pequenas lavouras de subsistência, com pequenas plantações de milho (fundamental na alimentação das mulas e bestas), feijão, arroz, mandioca e outros tubérculos; além da produção de cachaça e da criação de pequenos animais, como galinhas e porcos. Assim, descreveu Rugendas a respeito destes ranchos:

Quase sempre esses ranchos se encontram nas vizinhanças das fazendas onde é possível obter forragem e alimentos frescos; mas não se deve confiar nessa possibilidade. Às vezes existe, o lado do rancho, o que se chama de venda, onde se pode adquirir milho, farinha de mandioca, feijão, toucinho, carne seca e aguardente inferior. De qualquer forma é preciso que o viajante esteja sempre o munido de provisões para alguns dias. No que concerne aos móveis da viagem, a rede é, de todos os pontos de vista, preferível a outros tipos de leito, não somente porque é mais leve, mais fácil de transportar e de armar, mais ainda porque nessas redes, erguidas quase sempre vários pés acima do solo, o viajante se encontra melhor garantido contra os insetos e outros animais capazes de perturbar-lhe o repouso noturno²

² Rugendas, Jhoann Moritz. Viagem Pitoresca através do Brasil. Biblioteca Histórica Brasileira, 5ª ed. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1954, p.28-29